



## **Retorica: uma arte do discurso para a *polis*. Entre Platão e Gorgias**

Rhetoric: an art of speech for *polis*. Between Plato and Gorgias

**Claudiano Avelino dos Santos** <sup>1</sup>

**Resumo:** Apesar de seu papel fundamental na democracia ateniense, a Retórica sofreu duras críticas da parte de Platão, especialmente no diálogo Górgias, onde lhe é negado o estatuto de *tékhne*. O presente artigo procura trazer o pensamento de Górgias de Leontinos a partir de seus próprios escritos, de modo que a crítica de Platão possa ser melhor avaliada.

**Palavras-chave**

Retórica; Górgias; Platão; *tékhne*.

**Abstract:** Despite its fundamental role in Athenian democracy, Rhetoric suffered harsh criticism from Plato, especially in the Gorgias dialogue, where he is denied the status of *tékhne*. This article seeks to bring Gorgias de Leontinos' thinking from his own writings, so that Plato's criticism can be better evaluated.

**Keywords**

Rhetoric; Gorgias; Plato; *tékhne*.

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM). Doutor em História da Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: [claudiano.avelino@gmail.com](mailto:claudiano.avelino@gmail.com).

## Introdução

A Retórica desempenhou papel fundamental na democracia ateniense, sendo considerada ferramenta adequada para o exercício da cidadania<sup>2</sup>, porém, Platão lhe apresentou um bom número de ressalvas. Por exemplo no *Górgias*<sup>3</sup>, diz Sócrates ao personagem que dá nome ao diálogo:

Pois bem, Górgias, ela [a retórica] me parece ser uma atividade (ἐπιτήδευμα) que não é arte (τεχνικόν) apropriada a uma alma dada a conjecturas, corajosa e naturalmente prodigiosa para se relacionar com os homens; o seu cerne eu denomino lisonja (κολακείαν)... (463 a 6-b 1).

Por que a retórica não poderia ser considerada uma arte (τέχνη)<sup>4</sup>, se era tão importante para o desenvolvimento da vida social e política das πόλεις assim como a navegação, a estratégia e a medicina, dentre outras?

A busca de melhor compreender a suspeita de Platão em relação à retórica enquanto arte leva-nos a observar o pensamento de Górgias (485 a.C.- 380 a.C.). Ele foi tomado como personagem no diálogo que trata, dentre outros temas relacionados com a vida na πόλις, da Retórica. Mas, para além da representação que Platão fez dele, Górgias é o pensador que, reconhecendo o impacto do λόγος na alma, apresenta seus limites e possibilidades, os quais se assemelham aos efeitos do fármaco sobre o corpo. Foi pela importância e prestígio de Górgias que Platão o tomou como personagem do diálogo no qual discute o melhor estilo de vida e, nesse contexto, a Retórica.

## O ofício do discurso segundo Górgias de Leontinos

No diálogo *Górgias*, ao tentar dialogar com Polo a respeito da Retórica, diz Sócrates:

Que não seja rude demais falar a verdade! Pois hesito em dizê-la por causa de Górgias, com medo de que julgue que eu comédie a sua própria atividade. Se essa, porém, é a retórica praticada por Górgias, eu não sei – aliás, da discussão precedente nada se esclareceu sobre o que ele pensa –, mas eu chamo retórica parte de certa coisa que é em nada bela. (*Górgias*, 462 e 6 – 463 a 3).

---

<sup>2</sup> A respeito da importância prática da retórica na sociedade ateniense, veja-se, por exemplo: WORTHINGTON, Ian. "Rhetoric and Politics in Classical Greece: Rise of the Rhetores". In: \_\_\_\_\_. *A Companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, p. 255-271.

<sup>3</sup> Para o diálogo platônico *Górgias*, utilizaremos como base a seguinte tradução brasileira: PLATÃO. Tradução, ensaio introdutório e notas de Daniel Lopes N. de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2011.

<sup>4</sup> Para um estudo da compreensão platônica do que seja arte, ao menos nos primeiros diálogos Cf. ROOCHNIK, David. *Of art and wisdom. Plato's Understanding of Techne*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1996, p. 1. Para uma consideração do conceito de *technê* de Homero a Aristóteles, passando também por Platão, vejam-se as citações feitas por MURACHCO, Henrique. "Eidos – Téchnē – Tektón". *Hypnos*. São Paulo, vol. 4, ano 3, 1998, p. 9-17. No que se refere ao significado das artes entre os gregos, destacando a autonomia das artes em relação ao pensamento religioso, especialmente a partir dos sofistas, cf. VERNANT, Jean-Pierre. "Remarques sur les formes et les limites de la pensée technique chez les Grecs". In: *Revue d'histoire des sciences e de leurs applications*, t. 10, n. 3, 1957, p. 205-225.

Sócrates afirma não ter entendido o pensamento de Górgias acerca da atividade que este praticava, e assevera que a retórica, além de não ser em si uma arte, é apenas parte de uma atividade em nada honrosa: a lisonja (κολακεία – cf. Cf. *Górgias*, 463 b 1.).

Certamente Górgias não pensava assim. Qual seria, então, sua consideração sobre a atividade que praticava? Que sua atividade era bem reputada pela maioria, pode-se perceber por vários testemunhos, como este de Filóstrato:

[...] ele liderou o movimento dos sofistas pela sua maneira assombrosa de falar, pela sua inspiração [...]. Na verdade, vendo a Grécia dividida, ele tornou-se para ela um conselheiro da concórdia, virando-a contra os bárbaros e convencendo-a a considerar como troféu da luta armada não as próprias cidades, mas sim o território dos bárbaros.<sup>5</sup>

Mesmo tendo restado uma notícia de Diógenes Laércio a respeito de um manual de retórica<sup>6</sup> de Górgias de Leontinos, não chegou aos nossos dias qualquer obra desse tipo, de modo que, para investigar como ele entendia a atividade que seria depois nomeada como Retórica, é necessário recorrer aos seus três discursos que perduraram em melhor estado: o *Tratado sobre o não-ente*, o *Elogio de Helena* e a *Defesa de Palamedes*. Estes não versam especificamente sobre a arte dos discursos, mas possuem elementos que permitem ampliar a compreensão dela.

As discussões a respeito da cronologia dos escritos de Górgias não são conclusivas, mas há a concordância geral de que, dos escritos remanescentes, o primeiro a ser escrito foi o *Tratado sobre o não-ente*, sucedido pelo *Elogio de Helena* e pela *Defesa de Palamedes*<sup>7</sup>. Seguimos essa possível ordem cronológica ao analisar cada obra em busca da compreensão que Górgias tinha da atividade do discurso.

#### a) *Tratado sobre o não-ente e as aporias do discurso*

Ao longo da história da filosofia se discutiu se o *Tratado sobre o não-ente*<sup>8</sup> é uma obra filosófica ou apenas um exercício retórico. Em nossa pesquisa, trabalhamos com a hipótese, assumida por vários estudiosos<sup>9</sup>, de que o *Tratado*, mais do que um simples

---

<sup>5</sup> Cf. *Vida dos Sofistas* I, 9, 1; 4. GÓRGIAS. *Testemunhos e fragmentos*. Tradução de Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Colibri, 1993, p. 12 -13.

<sup>6</sup> Tratando de Empédocles, Diógenes Laércio escreveu: “Górgias, pelo menos, foi seu aluno, um homem superdotado em retórica, que nos deixou um manual técnico...” Cf. DL VIII, 58, 59.

<sup>7</sup> Cf. UNTERSTEINER, Mario. *Sofisti: testimonianze e frammenti*. Firenze: La Nuova Italia, 1949, p. 233-235, nota 3; GORGIA. *Testimonianze e frammenti*. Introduzione, traduzione e commento di Roberta Ioli. Roma: Carocci, 2013. p. 39-41.

<sup>8</sup> A respeito dos estudos das versões do *Tratado do não-ente*, remeto à CASSIN, Barbara. *Se Parmênides: o tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 40 e ss. Adotamos a postura defendida por essa estudiosa, que prefere esta versão em vez daquela de Sexto Empírico, cuja finalidade era sobretudo justificar o ceticismo.

<sup>9</sup> Para uma síntese das discussões a respeito, vejam-se as obras supracitadas de Roberta Ioli (esp. p. 10-12) e Edward Schiappa (esp. p. 16-18).

exercício retórico, traz discussões fundamentais para a história da filosofia, no que tange à ontologia, à gnosiologia e à comunicação. Com Cassin, assumimos que se trata de um texto que não só apresenta os limites da linguagem, mas também é um discurso altamente sofisticado e propositivo<sup>10</sup>.

O *Tratado sobre o não-ente* apresenta três teses: nada é; mas, se é, é incognoscível; e se é e é cognoscível, não é mostrável aos outros<sup>11</sup>. A terceira afirmação do *Tratado*, de que o ser, caso seja, não pode ser mostrado ou comunicado aos outros, relaciona-se de modo mais explícito com nosso objetivo de perceber como Górgias entendia sua arte dos discursos. Mas, como, se, em abordagem inicial, o *Tratado* parece ser simplesmente uma interdição a qualquer enunciação com sentido? Sua afirmação é que não é possível mostrar, exibir, pois, entre o dizer e as coisas, há um fosso intransponível. Se for assim, não há necessidade, nem é possível uma técnica do discurso. Como, então, entender que tal pensamento seja de Górgias, que passou para a história como grande mestre na arte de discursar, persuadir e falar com estilo gracioso?<sup>12</sup>

Considerando, porém, que a obra de Górgias deva ser lida em relação com o pensamento de sua época, especialmente da elaboração conceitual da chamada escola de Eleia<sup>13</sup>, não se poderia simplesmente descartar a possibilidade de uma técnica do discurso. Assumimos, para tanto, haver ligação entre as obras remanescentes de Górgias<sup>14</sup>, que no *Tratado sobre o não-ente* não estaria interditando todo e qualquer λόγος, mas litigando com o discurso que chamamos ontológico<sup>15</sup>, ao mesmo tempo em que exercita o discurso a fim de perceber seus limites e possibilidades.

O autor anônimo do *De MXG*, em cuja obra aparece o *Tratado sobre o não-ente*, apresenta Górgias como alguém que expõe a maleabilidade do λόγος: “compondo os dizeres dos outros autores – de todos aqueles que, falando dos entes, opõem entre si, como parece, teses contrárias” (*MXG. Sobre Górgias*, 2). De fato, a argumentação do *Tratado* é de alguém que tem conhecimento sobre o modo de ser do discurso. Poder-se-ia dizer, nesse sentido, que Górgias é um demiurgo, um artífice que conhece e procura lidar até o limite com sua matéria-prima. É assim que Górgias opõe “teses contrárias,

---

<sup>10</sup> Cf. CASSIN, Barbara. *Se Parmênides*, p. 21-22.

<sup>11</sup> “Nada, diz ele, é; mas, se é, é incognoscível; e se é e é cognoscível, não é, no entanto, mostrável aos outros”. Seguimos aqui a versão da tradução do tratado *Sobre Melisso, Xenófanes e Górgias* de Barbara Cassin, *op. cit.* (*Se Parmênides*), p. 197 e ss.

<sup>12</sup> A esse respeito, cf. a coletânea de testemunhos IOLI, Roberta. *Op. cit.*, p. 51 e ss.

<sup>13</sup> Diz Cassin: “O *Tratado* seria, assim, a imagem e espelho do *Poema* [de Parmênides], e essa imagem suficientemente consultada revelaria, ao mesmo tempo, as dissimetrias, as irregularidades, as singularidades do original...” (*Se Parmênides*, p. 54.)

<sup>14</sup> A esse respeito, cf. MARTINEZ, Josiane T. “A articulação entre os discursos remanescentes de Górgias de Leontini”. *Revista Ética e Filosofia Política*, 2016, p. 59-77.

<sup>15</sup> Lopes sintetiza bem a relação do *Tratado* com o pensamento de Parmênides: “Essas três teses gorgianas, então, são de natureza ontológica, epistemológica e logológica... a conjunção dessas três teses fundamentais nega justamente a ‘tríade parmenídica’ *ser, pensar e dizer...*” (LOPES, Daniel Rossi Nunes. “Parmênides vs. Górgias: uma polêmica sobre a linguagem”. *Phaos*, 2006, p. 33).

demonstrando que ora os entes são um e não múltiplos, quanto múltiplos e não um, e ora que eles são ingênitos, ora que são engendrados” (MXG. *Sobre Górgias*, 2.)

Esse é, para Górgias, um modo de proceder da arte do discurso, propondo uma afirmação, experimentando o seu oposto e as respectivas consequências. Chega-se, assim, à dificuldade de estabelecer conhecimento preciso: “de modo que, mesmo se elas são, elas seriam incognoscíveis para nós, as coisas”. (MXG. *Sobre Górgias*, 9). Górgias elabora seu discurso demonstrando que o ser é desprovido de substância, não podendo, portanto, receber predicados tais como eternidade, geração, unidade e multiplicidade, mobilidade e imobilidade. Ou seja, se o ente não pode receber predicados, parece ser impossível o discurso<sup>16</sup>.

Do ponto de vista de uma arte do discurso, entendida como busca do modo mais adequado e persuasivo de elaborar e emitir um raciocínio, é bastante desconcertante a terceira asserção de Górgias: “Mesmo se elas fossem cognoscíveis (γνωστά), como alguém, diz ele, poderia torná-las manifestas (δηλώσειεν) a um outro? Com efeito, o que alguém viu (εἶδε), como o anunciaria em um dizer (λόγω)?” (MXG. *Sobre Górgias*, 10.) Tem-se, então, que o discurso é incapaz de transmitir alguma coisa que tenha sido vista ou experimentada por outro sentido: “ninguém poderia mostrá-lo a outra pessoa, porque as coisas não são dizeres...” (MXG. *Sobre Górgias*, 11.)

Ao argumentar a respeito dos limites do ser e do não ser, Górgias apresenta o fosso existente entre as coisas e as palavras, os seres e o discurso. Poder-se-ia interpretar que a chamada de atenção para essa diferença fosse uma interdição do discurso, já que o que importa são as coisas. Contudo, uma possibilidade é interpretar que Górgias queira realçar o fato de que os dizeres, mesmo não sendo as coisas, têm seu campo de ação e têm seu modo de ser. Não sendo as coisas, os dizeres são dúbios, maleáveis, mas mesmo assim não deixam de ser poderosos. Uma arte do discurso lida com essas ambiguidades, como se pode ver de maneira mais nítida no *Elogio de Helena*.

#### b) *Elogio de Helena: critérios para o discurso*

O *Elogio de Helena*<sup>17</sup> é considerado autêntico por grande parte dos estudiosos. É, sem dúvida, um texto didático sobre a arte dos discursos, mas também se podem encontrar nele elementos que refletem o pensamento de Górgias, especialmente sobre o λόγος<sup>18</sup>. De fato, ao conjecturar que Helena fora enganada pelo discurso (λόγος), Górgias assim o descreve:

---

<sup>16</sup> Cf. LOPES, Daniel Rossi Nunes. “Parmênides vs. Górgias: uma polêmica sobre a linguagem”. *Phaos*, 2006, p. 38-41.

<sup>17</sup> Utilizamos a seguinte versão bilíngue grego-português: GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Tradução de Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: Anágnosis, 2009. De agora em diante, *EH*.

<sup>18</sup> Cf. UNTERSTEINER, Mario. *Op. cit.*, p. 284, nota 11.

Um discurso é um grande senhor, que, por meio do menor e do mais inaparente corpo, leva a cabo as obras mais divinas. Pois é capaz de fazer cessar o medo, retirar a dor, produzir alegria e fazer cessar a compaixão. (EH 8).

Mas haveria algum modo de lidar com tal poder? Górgias passou para a história como um hábil orador, conforme descrição transmitida por Platão, e como um bom retor, prometia, em todos os lugares por onde passava, tornar retores também outras pessoas (Cf. *Górgias*, 449 a-b). Em sentido lato, Górgias ensinava uma arte do discurso, mesmo que Platão considere isso discutível. Deixando, por ora, o pensamento do filósofo ateniense de lado, examinaremos o *Elogio* evidenciando quais poderiam ser os critérios da arte gorgiana do discurso.

“Para o discurso, a verdade” (λόγῳ δὲ ἀλήθεια). Tal afirmação aparece no primeiro parágrafo do *Elogio de Helena*, dentre as coisas que trazem ordem (κόσμος): a coragem para a cidade, a beleza para o corpo, a sabedoria para a alma, a excelência para o ato (EH 1). É possível ver aí um critério para o que viria a ser a técnica dos discursos: a verdade<sup>19</sup>. Ademais, o conjunto no qual o discurso aparece testemunha a importância do λόγος para a vida em comum. É na cidade que ele surge e, de certo modo, é ele que possibilita a organização dela. As artes, como também se lê na *República* de Platão<sup>20</sup>, são constituídas tendo em vista a vida comum na cidade: são estabelecidas em vista do bom ordenamento da cidade. Os cinco elementos apresentados no início do *Elogio* direcionam-se para a boa organização humana: εὐανδρία (coragem, força, virilidade), κάλλος (beleza), σοφία (sabedoria), ἀρετή (excelência), ἀλήθεια (verdade). O último direciona-se ao discurso (λόγος). Sendo o *Elogio de Helena* um texto didático sobre a arte de discursar<sup>21</sup>, não é sem fundamento conjecturar a presença de elementos dessa arte em seu desenvolvimento.

Não obstante o caráter lúdico do texto, que trata do estabelecimento ou reconhecimento de um critério para o discurso, percebe-se o tom normativo no que segue:

[...] é preciso, por um lado, com louvor, honrar o digno de louvor; por outro lado, repreender ao indigno. Pois igual erro e ignorância é repreender coisas louváveis e louvar coisas repreensíveis. (EH 1).

Assim, não é difícil ver aí relação entre o discurso e o justo e injusto. Com o critério preciso de louvar o justo e repreender o injusto é que o *Elogio de Helena* foi escrito. Temos aí parâmetro para o modo adequado de se expressar: proferir a verdade, de modo que se honre o que for digno de honra e se repreenda o contrário. O objetivo do discurso é reforçado no final do parágrafo 2, quando Górgias diz que vai “expor a verdade [ou] fazer cessar a ignorância” (EH 2).

---

<sup>19</sup> Não nos interessa adentrar aqui na discussão a respeito do tema da verdade, mas nos contentamos em tomar o termo no sentido de evidência, clareza em relação a algo acontecido, não ocultação de um ato.

<sup>20</sup> Cf., por exemplo, II, 369 d.

<sup>21</sup> Cf. IOLI, Roberta. *Op. cit.*, p. 215.

Quando Górgias justifica por que não vai expor pormenores do rapto de Helena, apresenta um elemento que pode ser visto como descritivo do poder do discurso e indicativo do melhor modo de usá-lo: “o dizer aos que sabem coisas que sabem tem credibilidade, mas não traz deleite” (EH 5). Assim, se se quer transmitir credibilidade, devem-se dizer coisas conhecidas, sob o risco de parecer repetitivo. Quanto a causar deleite aos ouvintes, é melhor trazer novidade.

Outro elemento que se pode considerar como descritivo do discurso é a definição de poesia que se encontra no parágrafo 9: “um discurso que tem metro” (EH 9). Esse arranjo das palavras em medida possibilita tocar a alma do ouvinte, causando nele uma afecção particular:

Diante de coisas alheias – dos feitos e dos corpos com boas sortes e reveses –, uma certa afecção particular, por meio dos discursos, a alma experimenta, que a faz se assemelhar aos encantamentos divinos, capazes de introduzir o prazer e cessar a dor. (EH 9)

Górgias apresenta também itens do modo pelo qual o discurso interfere na alma. Dentre as capacidades do discurso, está a de persuadir e enganar: “se, porém, foi o discurso o que persuadiu e enganou a alma” (EH 8). A força do discurso sobre a alma é tal que se assemelha ao poder atribuído a divindades: cessar o medo, retirar a dor, produzir alegria, aumentar a compaixão (EH 8). Diante de tamanha força, os desprovidos de “memória do passado, noção do presente e ainda presciência do futuro” (EH 11) deixam-se levar por uma fala mentirosa. O discurso mentiroso tem sua força: “escrito com arte, não proferido com verdade, deleita e persuade uma grande multidão” (EH 13). Como se vê, a arte aqui não tem ligação necessária com a verdade. Pode haver arte sem verdade. Isso indica a neutralidade da retórica, também apresentada pelo personagem Górgias no diálogo de Platão, quando afirma que, como uma luta, a retórica pode ser usada também de modo injusto (Cf. *Górgias*, 456 c-d.)

A relação do discurso com o ordenamento da alma é a mesma do ordenamento dos fármacos para o corpo. Assim como há variados medicamentos, há também uma série de discursos que causam os mais variados efeitos sobre a alma, de modo que alguns, “por alguma má persuasão, drogam e enfeitiçam completamente a alma”<sup>22</sup>. Essa comparação entre o discurso e o fármaco será retomada por Platão, por exemplo, em *Górgias* 464 b – 465 d e *Fedro*, 270 b.

O discurso de Górgias se encerra com a argumentação a respeito do poder da visão na tomada de decisões: “por meio da visão, a alma é marcada também em seus modos” (EH 15)<sup>23</sup>. Górgias defende que, assim como os discursos, as coisas vistas interferem na alma, a tal ponto que “muitos caem em sofrimentos vãos e em doenças e em loucuras incuráveis, de tal modo a visão inscreveu no pensamento imagens dos acontecimentos vistos” (EH 17). Quanto ao que é visto, “umas coisas afligem, outras provocam desejo à

---

<sup>22</sup> EH 14.

<sup>23</sup> EH 15.

vista..." (EH 18). A imagem, assim como o discurso, também tem o poder de afetar a alma. Nisso tem parentesco com o discurso.

Em vista de uma técnica do discurso, o *Elogio de Helena* traz alguns elementos significativos, dentre os quais destaca-se a caracterização do λόγος: um senhor poderoso, capaz de grandes obras, capaz de tocar a alma e provocar nela diferentes emoções e atitudes, conforme o modo como é arranjado e proferido. Ao lidar com esse senhor potente, com essa força, o *Elogio* fala da necessidade da verdade. Para o bom ordenamento da vida comum, o discurso precisa ser verdadeiro. Mas a ligação entre discurso e verdade não é a única possibilidade. O discurso falso, o discurso que engana, também é viável, sendo, porém, sempre um risco. Pode-se vituperar o que deve ser louvado e louvar o que deve ser vituperado. Tal uso do λόγος precisa ser combatido. Esses elementos, ainda que mínimos, expressam, ao nosso ver, critérios de uma arte do discurso. Se as palavras em si não expressam as coisas, como disse o *Tratado*, grande deve ser o esforço e a responsabilidade de quem se serve do discurso, de modo que ele se ordene para uma vida boa na πόλις.

### c) Defesa de Palamedes: a força da interpretação

Aceitando a tese de que a *Defesa de Palamedes*, assim como o *Elogio de Helena*, além de ser exercício didático sobre a arte do discurso, possui conteúdo filosófico<sup>24</sup>, passamos a analisá-la em busca de elementos que ajudem a mostrar a compreensão da arte dos discursos em Górgias.

No primeiro parágrafo, encontramos<sup>25</sup>: "A acusação e a defesa não constituem uma sentença a respeito da morte [...] o perigo está em torno da honra e da desonra" (DP 1). Nisto pode-se encontrar um estabelecimento do campo de ação do discurso: ele tem a ver com a honra e a desonra. Isso porque, ainda que leve alguém à morte, esta mais cedo ou mais tarde atinge todo ser humano. O discurso então tem a ver com a maneira pela qual se morre, e não com a morte em si mesma.

Ademais, o modo pelo qual Górgias faz Palamedes levantar as mais diversas possibilidades de ataque e aí estabelecer sua defesa é outro elemento a indicar uma arte do discurso. Não sendo nosso objetivo aqui analisar toda a argumentação<sup>26</sup>, tomemos como exemplo de técnica esta passagem:

Tratarei primeiro esse argumento, de como sou incapaz de fazer isso. Com efeito, era preciso acontecer primeiro algum princípio de traição, e o princípio poderia ser uma conversa, pois, antes de ações futuras, é preciso que aconteça uma conversa primeiro. Mas como poderiam acontecer

---

<sup>24</sup> Cf. UNTERSTEINER, Mario. *Op. cit.*, p. 144-145.

<sup>25</sup> Utilizamos, para a *Defesa de Palamedes*, que será citada de forma abreviada como DP, salvas as afirmações diferentes, a tradução de Gabriele Cavalcante, publicada em *Archai*, n. 17, maio-agosto de 2016, p. 201-218.

<sup>26</sup> Para uma análise mais detalhada da argumentação, cf. MARTINEZ, Josiane T. *Op. cit.*, especialmente o capítulo 4, p. 79 ss.



conversas sem acontecer primeiro um encontro? E de que modo um encontro aconteceria sem que enviasse até mim alguém ou que alguém de minha parte tivesse ido até lá? Nem mesmo uma mensagem por escrito teria chegado sem um portador. Mas admitamos que isso possa ter acontecido [...] (DP 6-7).

Depois disso, Górgias põe na boca de Palamedes uma série de perguntas, de modo que todas as possibilidades sejam analisadas e também refutadas em vista de provar a inocência do personagem. As perguntas dizem respeito a como começou a traição que Palamedes afirma não ter cometido e à maneira pela qual os fatos se desenrolaram. Por meio do discurso, Palamedes vai demonstrando a improbabilidade de cada fato ter acontecido; contudo, mesmo parecendo absurdo, conjectura, para depois refutar por sua consequência, cada absurdo:

Mas admitamos que isso [o início da traição] possa ter acontecido pela conversa [...] Quem encontra quem? Um heleno com um bárbaro. Como ouvir e falar? [...] Com um intérprete, então? Nesse caso, um terceiro tornar-se-ia testemunha do que deveria ser oculto [...] (DP 7-8).

Depois de analisar em pormenores as possibilidades de traição, Palamedes conclui: “Portanto, fica demonstrado pelo que foi dito, que nem podendo querer, nem querendo poderia trair a Hélade” (DP 21). O refinamento da arte do discurso de Górgias se evidencia ainda no modo de Palamedes se dirigir aos juízes:

[...] A lamentação, as preces e a intervenção dos amigos são proveitosas quando a multidão é juiz; perante vós, que sois o primeiro dentre os helenos e reconhecidos, não é pelo socorro dos amigos, nem pelas preces, nem pelas lamentações que é preciso vos persuadir, mas preciso escapar dessa acusação pela máxima evidência do justo, informando a verdade e não enganando. (DP 33).

Desse modo, Górgias expressa a importância de conhecer bem os destinatários de um discurso para que ele seja bem-sucedido. Uma locução bem preparada não se vale apenas de apelos emocionais, mas sobretudo da clareza com que é expressa, a fim de que o ouvinte possa perceber a evidência do que é dito. Górgias, entretanto, tem noção do limite das palavras para expressar a verdade:

Se, por meio das palavras, a verdade dos fatos surgisse pura e evidente aos que ouvem, a sentença seria fácil a partir do que foi dito; uma vez que não é assim, vigiai meu corpo, aguardai mais tempo e decretai a sentença de acordo com a verdade... (DP 35)

Esse modo de proceder está em acordo com aquilo que Isócrates expõe em sua técnica do discurso: a necessidade de investigar bem o assunto tratado, de modo a escolher e combinar as formas oportunas a cada situação na elaboração do discurso<sup>27</sup>. Em certo sentido, é a preocupação presente no *Fedro* (259 e 1 e ss.), quando Sócrates discute com aquele jovem a maneira bela de proferir e escrever discursos, calcada na verdade, e não apenas na opinião.

Da *Defesa de Palamedes*, em referência a uma técnica dos discursos, destacamos que o *lóγος* não está primordialmente relacionado com o ser das coisas, e sim com a sua

---

<sup>27</sup> Cf. *Contra os sofistas*, 16.

interpretação: não tem a ver com a vida e a morte em si, que são inevitáveis, mas tem a ver com o modo pelo qual se vive e se morre, ou seja, com honra ou com desonra. Viver ou morrer, a rigor, não está sob o controle dos homens, ao contrário de viver ou morrer com honra ou desonra, e nisso o discurso desempenha papel preponderante. É isso que se afirma na *Defesa de Palamedes*, mas também no *Elogio de Helena*. A *Defesa de Palamedes* traz também, como vimos, algumas pistas para que o discurso tenha êxito, sendo a principal delas avaliar ao máximo as possibilidades de um fato e levar em conta os destinatários, de modo que a mensagem chegue com clareza, expressando a verdade e não enganando.

### Considerações finais

No que sobrou da obra de Górgias, pode-se perceber em destaque a discussão a respeito dos limites e poderes do discurso, ou seja, qual o campo de ação do λόγος. Diferentemente do que possa sugerir a ideia de um sofista totalmente relativista, há em Górgias a preocupação de o discurso ligar-se ao verdadeiro, entendido como aquilo que diz respeito ao bom ordenamento da cidade.

A partir dessas três obras remanescentes de Górgias, *Tratado sobre o não-ente*, *Elogio de Helena* e *Defesa de Palamedes*, é possível perceber que sua arte dos discursos leva bem em consideração qual é o campo de ação do λόγος. Não é aquele do que chamamos ontologia: o ser profundo das coisas, ou ainda o campo das realidades ou situações imutáveis, como o fato de o ser humano morrer. Mas, mesmo assim, o discurso tem grande poder de ação e não é pequeno o seu campo, já que tem a força extraordinária de tocar a alma humana, provocando nela sensações que levam a um ou a outro modo de agir, conforme se queira. Mesmo assim, Górgias não preconiza uma Retórica sem limites: é preciso levar em conta o bom ordenamento da cidade ao elaborar e proferir discursos. Entretanto, isso não é garantido: há sempre o risco do discurso falso, da palavra que engana e confunde, em vez de evidenciar. Por isso, o discurso precisa tender ao verdadeiro, o que se relaciona com o bom ordenamento da vida comum na πόλις.

Platão, no diálogo *Górgias*, também concorda com o fato de o discurso ser um senhor poderoso e influenciar em muito a vida da cidade. Admite igualmente que o efeito da palavra na alma seja semelhante ao da medicina no corpo. Entretanto, a atividade exercida por Górgias – que provavelmente o próprio Platão nomeou como Retórica – parece insuficiente para ser considerada uma autêntica *téchne*, arte que beneficie com segurança os cidadãos. Falta a firmeza no conhecimento para que a atividade de Górgias tenha dignidade semelhante à medicina, arte praticada por Heródico, seu irmão médico.

## Referências Bibliográficas

- CASSIN, Barbara. *O efeito sofístico*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.
- CASSIN, Barbara. *Se Parmênides: o tratado anônimo De Melisso Xenophane Gorgia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Tradução de Daniela Paulinelli. Belo Horizonte: Anágnosis, 2009.
- GORGIA. *Testemonianze e frammenti*. Introduzione, traduzione e commento di Roberta Ioli. Roma: Carocci, 2013.
- HUIT, Charles. "Platon et Isocrate. In: *Revue des Études Grecques*", tome 1, fasc. 1, 1888. P. 49-60.
- IOLI, Roberta (Ed.). *Gorgia: testimonianze e frammenti*. Roma: Carocci, 2013.
- LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *Contra os sofistas e Elogio de Helena de Isócrates*. Tradução, notas e estudo introdutório. 116 p. (Dissertação.) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 2011.
- MARTINEZ, Josiane T. "A articulação entre os discursos remanescentes de Górgias de Leontini". *Revista Ética e Filosofia Política*, 2016, p. 59-77.
- MURACHCO, Henrique. "Eidos – Téchne – Tektón". *Hypnos*. São Paulo, vol. 4, ano 3, 1998, p. 9-17.
- PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei. "Isócrates, professor de *philosophía*". *Revista Pesquisa e Educação*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Vol. 44, 2018, p. 1-13.
- PLATÃO. Tradução, ensaio introdutório e notas de Daniel Lopes N. de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ROOCHNIK, David. *Of art and wisdom. Plato's Understanding of Techne*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1996.
- UNTERSTEINER, Mario. *Sofisti: testimonianze e frammenti*. Firenze: La Nuova Italia, 1949.
- VERNANT, Jean-Pierre. "Remarques sur les formes et les limites de la pensée technique chez les Grecs". In: *Revue d'histoire des sciences e de leurs applications*, t. 10, n. 3, 1957, p. 205-225.
- WORTHINGTON, Ian. "Rhetoric and Politics in Classical Greece: Rise of the Rhetores". In: \_\_\_\_\_. *A Companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007.